

O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES DO IFPB: EXPERIÊNCIA E PERSPECTIVAS

Me. Patrícia Nogueira de Carvalho Pinto  0000-0002-3807-6209

Instituto Federal da Paraíba

Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva  0000-0003-1409-6368

Dr. Ana Paula Furtado Soares Pontes  0000-0001-8992-9091

Me. Alan Leite Moreira  0000-0002-4453-4835

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo analisar o Programa Ciências sem Fronteiras enquanto política pública de internacionalização da educação superior, a partir da experiência de estudantes do Instituto Federal da Paraíba. Para isso, realizou-se uma pesquisa mista, em que se realizou, primeiramente, uma revisão bibliográfica sobre o contexto do Programa na Instituição. Posteriormente foi desenvolvida a pesquisa empírica, através da aplicação de questionário e de entrevista com os estudantes. O tratamento dos dados se deu através da análise descritiva e da análise de conteúdo. A partir das falas dos sujeitos referenciadas, identificou-se que a principal dificuldade dos alunos foi com relação ao conteúdo curricular das disciplinas e ao domínio do segundo idioma. Apesar disso, a maior parte dos entrevistados teve um aproveitamento considerável no Programa, que contribuiu em suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas públicas; Educação superior; Ciência sem fronteiras.

THE SCIENCE WITHOUT BORDERS PROGRAM FROM THE PERSPECTIVE OF IFPB STUDENTS: EXPERIENCE AND PERSPECTIVES

ABSTRACT: This research aimed to analyze the Science without Borders Program as a public policy for the internationalization of higher education, based on the experience of students from the Federal Institute of Paraíba. To this end, a mixed research was carried out, in which a bibliographic review on the context of the Program in the institution was first carried out. Later on, an empirical research was developed, through the application of a questionnaire and interviews with the students. The data treatment was done through descriptive analysis and content analysis. From the statements of the subjects mentioned above, it was identified that the main difficulty of the students was related to the curricular content of the subjects and to mastering the second language. Despite this, most of the interviewees had considerable success in the Program, which contributed to their academic and professional trajectories.

KEYWORDS: Public policies; Higher education; Science without borders.



1 INTRODUÇÃO

A internacionalização é uma recente tendência na Educação Superior, fortalecendo-se no cenário da globalização (LUCE *et al.*, 2016; MAUÉS; BASTOS, 2017; NEVES; BARBOSA, 2020). Tendo em vista a necessidade do Brasil em se posicionar diante do mercado internacional, o Governo Federal investiu em programas que possibilitam o incremento das pesquisas e estudos nas áreas de Ciências, Tecnologias e Inovação (C,T&I), consideradas estratégicas para o desenvolvimento da nação. Assim, o investimento em programas de intercâmbio estudantil, fortalece a educação e visa à inovação tecnológica necessária para um país em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, consumidor dos produtos internacionais.

Uma das experiências recentes da educação brasileira nessa área foi o Programa de mobilidade estudantil e acadêmica Ciências sem Fronteiras (CsF), criado em 2011 a partir da lei n. 7.642 e formulado com o objetivo de “promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira através de intercâmbio e mobilidade internacional, além de atrair para o Brasil estudantes e pesquisadores estrangeiros” (BRASIL, 2011).

Em sua primeira etapa (2012-2014), o governo federal ofertou 101 mil bolsas até o ano de 2015, sendo 75 mil governamentais e 26 mil empresariais, subdivididas em sete modalidades: graduação sanduíche, doutorado sanduíche, pós-doutorado, doutorado pleno, jovem cientista, treinamento de especialista no exterior, pesquisador visitante no Brasil. Em 2015, o governo anunciou a segunda etapa com mais de 100 mil vagas.

No entanto, o Programa foi cancelado em 2017. Segundo Granja e Carneiro (2021), a política mostrou fragilidades de forma sistêmica em todas as suas fases. Os autores identificaram que a política foi formulada e implementada de forma



abrupta e que seu desenho não foi adequado para o cumprimento de seus objetivos, além de custar acima do planejado e não ter sido acompanhado de uma avaliação que contemplasse todo seu ciclo.

Embora o Programa tenha tido falhas, Saldanha *et al.* (2019) consideram que o seu fim representou um retrocesso no desenvolvimento brasileiro pelo regresso do incentivo à inovação e por retirar as oportunidades de inclusão social.

Nesse sentido, é importante reconhecer que o Programa foi de grande relevância não apenas devido ao elevado investimento por parte do Governo Federal, mas principalmente pela experiência proporcionada à formação acadêmica de um elevado número de estudantes, tais como o desenvolvimento de independência, comunicação e pensamento crítico (OLIVEIRA JÚNIOR; MATTOS, 2017).

Assim, percebeu-se a importância de um estudo que contemple os resultados do Programa em nível institucional e de que maneira ele modificou o cenário da educação profissional e tecnológica, através do envio de estudantes para o exterior. Identificar até que ponto essa política pública de internacionalização foi positiva para a formação de profissionais capacitados para enfrentar o mundo do trabalho foi o desafio motivador deste estudo.

Nesse contexto, objetivou-se analisar o CsF enquanto política pública de internacionalização da educação superior, a partir da experiência de estudantes do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), vinculados à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e explicativa, uma vez que os dados foram registrados, descritos e interpretados. O enfoque predominante foi quali-quantitativo ou misto, uma vez que foi aplicado questionários e entrevista. A pesquisa



procurou se orientar através do método de abordagem fenomenológico, cuja essência é o próprio fenômeno, visando à interpretação do mundo através da consciência do sujeito, com base em suas experiências (GIL, 2019). No tocante ao método de procedimento, adotou-se o monográfico e o observacional.

Para a fundamentação teórica fez-se uso de pesquisa bibliográfica, proporcionando a construção de um arcabouço que está por trás do fenômeno estudado. Posteriormente foi realizada a pesquisa empírica, através da leitura de documentos e da aplicação do instrumento de coleta de dados.

O estudo foi realizado entre 2016 e 2017 e refere-se a dados dos anos de 2012 a 2015, período de vigência do Programa no IFPB, o qual contemplou 121 estudantes participantes da Instituição. Inicialmente, enviou-se um questionário *on-line* para o e-mail de todos os participantes do Programa. O questionário foi produzido e montado a partir da plataforma *Google Docs*. Conseguiu-se a adesão de 40 alunos, representando uma taxa de resposta de 32%.

Em um segundo momento, foi escolhida uma amostra representativa não probabilística de 05 alunos a partir de variáveis seguindo os critérios de sexo, curso e *campi* para proceder a aplicação de entrevista estruturada, possibilitando um aprofundamento da análise. Buscou-se selecionar estudantes oriundos dos cursos do IFPB que mais enviaram alunos e buscou-se contemplar também aqueles que residiam no interior, na tentativa de se aproximar ainda mais da realidade do Programa.

A técnica empregada para o tratamento dos dados se deu através da análise descritiva e, também, da análise de conteúdo das entrevistas, seguindo suas etapas: pré-análise (organização dos dados e sistematização das ideias iniciais), exploração do material (codificação, decomposição ou enumeração dos dados), tratamento dos resultados, inferência e interpretação.



Foi resguardada a identidade de todos os participantes. Na análise dos dados referentes às entrevistas, identificaram-se os alunos a partir de suas iniciais. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFPB, instituição na qual o Programa de Pós-graduação está vinculado, obtendo parecer favorável, conforme processo nº 61833216.7. 0000.5188, com a anuência do IFPB, local de realização da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico será analisado o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) sob o olhar do estudante participante, identificando seu perfil, suas experiências e perspectivas. Serão apresentados os resultados do questionário intercalando-se com o discurso dos alunos nas perguntas efetuadas por meio da entrevista, que possibilitaram ilustrar, esclarecer e ressaltar os pontos discutidos no questionário, elucidando alguns paradigmas e pontos controversos e polêmicos do Programa.

3.1 Perfil socioeconômico

Inicialmente traçou-se um perfil socioeconômico dos alunos participantes do questionário. Um percentual de 57,5 são jovens de idade entre 22 e 25 anos; maioria autodeclarada branca (50%); a escolarização de 62,5% dos alunos pesquisados foi realizada totalmente em escolas privadas; 70% dos estudantes são do sexo masculino; 95% não ingressaram no IFPB pelo sistema de cotas, apenas 5%, ou seja, dois (02) alunos do CsF eram cotistas. Identificou-se também que 39% deles são naturais da capital do Estado, João Pessoa.

Além disso, a renda familiar apresentou-se dividida: 40% dos estudantes declaram a renda familiar de 02 a 04 salários mínimos, outros 40% declaram a renda familiar entre 05 a 10 salários mínimos, ou seja, 80% dos alunos atingidos



pelo Programa recebem entre 02 a 10 salários mínimos. O restante (17,5%) tem renda inferior ou igual a 02 salários mínimos e 2,5% superior a 10 salários.

Assim, levando em consideração que o IFPB possui cerca de 80% dos seus alunos com renda familiar per capita inferior ou igual a 1,5 salário mínimo¹, temos que os 20% restante são os que conseguiram sucesso para alcançar programas como o Ciência sem Fronteiras. A pesquisa mostra que grande parte dos alunos que participaram do Programa tiveram sua formação escolar básica no ensino privado, o que configura um provável déficit da educação básica pública comparado com a privada, proveniente da falta de incentivo por parte do poder público, sobretudo no tocante ao acesso à segunda língua. No entanto, esse fato não anula a possibilidade de estudantes mais pobres e cotistas ingressarem no Programa, levando em consideração o número de egressos do CsF com baixa renda no IFPB (57,5% com renda familiar até 04 salários mínimos). Ou seja, muitos estudantes de estratos sociais economicamente desfavorecidos conseguiram ingressar no Programa.

Pode-se inferir que o estudante que não teve uma formação sólida na educação básica possui mais dificuldades na educação superior (ROSA, 2014; COSTA; DIAS, 2015; JEZINE *et al.*, 2021), o que dificulta sua seleção para um intercâmbio no exterior.

Os estudantes além de preencher ao pré-requisito de ter obtido mais de 600 pontos no Enem, precisava apresentar um coeficiente escolar mínimo exigido nos editais internos de seleção de cada IES. Essas exigências tentaram minimizar a ida do estudante despreparado para o exterior, fazendo com que fugisse ao objetivo do Programa que era o de oferecer uma aprendizagem de excelência.

Outro fator a considerar é de que, para incentivar os alunos e aumentar a taxa de participantes em programas de mobilidade internacional, se faz necessária

¹ Dados do Relatório Anual de Gestão 2015



uma política mais sólida de aprendizado de línguas estrangeiras. Infere-se que esse investimento seja primordial, tendo em vista minimizar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante a experiência vivenciada no Programa, como veremos a seguir.

3.2 Experiência e perspectivas

O questionário abordou ainda pontos voltados para a estadia do estudante no exterior e mercado de trabalho, para aqueles que já se formaram. Ao apresentar estas respostas, serão intercaladas algumas falas dos alunos coletadas durante a entrevista como forma de ilustrar e aprofundar as questões abordadas.

A primeira pergunta foi com relação ao nível de conhecimento do idioma estrangeiro antes de viajar. Um percentual de 40% afirmou ter nível intermediário; 37,5% nível básico e 12,5% declarou falar fluentemente. No entanto, o que mais chama atenção é que 10% informou que não possuía nenhum conhecimento no idioma do país no qual estudou.

O fato de não falar fluentemente o idioma ou sequer ter tido noções básicas foi um dos aspectos que fez com que um dos estudantes entrevistados sentisse dificuldade em se “entrosar com a turma”:

As dificuldades iniciais foram de comunicação. Por nunca haver falado inglês antes, muito menos com nativos da língua, se tornou inevitável formar “grupinhos” de brasileiros, pois ali todos poderiam se ajudar. Essa dificuldade foi contornada com as aulas de língua inglesa ofertadas pelo programa *American Semester*, o qual nivelou os alunos no curso de ESL (*English as Second Language*) (ESTUDANTE JA).

O estudante KG, embora já tivesse um certo nível de fluência na língua, também mencionou o aspecto da comunicação como uma de suas maiores dificuldades, o que é natural para alunos que nunca se comunicaram com nativos



antes: “No primeiro momento, não consegui me sintonizar no ritmo que os nativos falavam, então até por isso me retraí no começo, mas depois de algum tempo me acostumei e consegui acompanhar uma conversação sem maiores problemas” (ESTUDANTE KG).

Já o estudante RF participou do CsF com poucos conhecimentos em língua estrangeira, mas afirmou que graças a seu esforço pessoal, conseguiu contornar o problema:

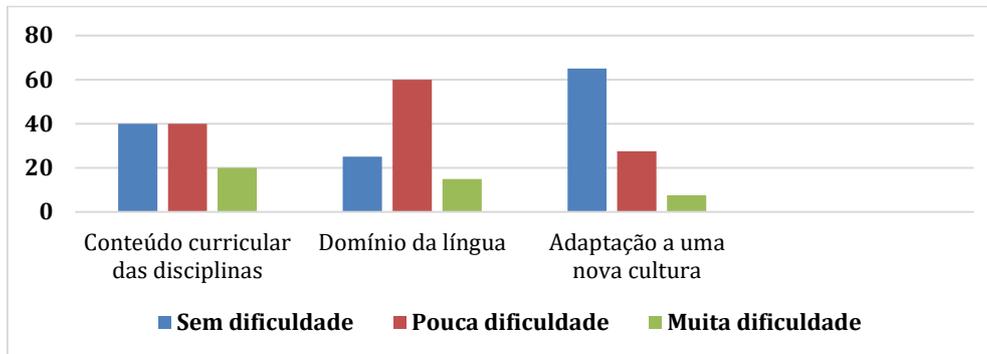
Tive que aprender um idioma novo e praticamente do zero, visto que meu conhecimento em inglês era somente de séries/filmes legendados, músicas e videogame. Mas me forcei a aprender, conversando somente com pessoas que falavam o idioma e evitando ao máximo ler, escrever ou até mesmo falar algo em português (ESTUDANTE RF).

Assim, embora a gestão do Ministério da Educação, chefiada por Mendonça Filho, tenha criticado o Programa pelo fato dos alunos terem viajado com pouco ou nenhum domínio do idioma, conforme mostrou-se em reportagem publicada no Portal Brasil, do Governo Federal, em 26/07/2016, observa-se que, no IFPB, a parcela destes alunos foi pequena, uma vez que quase 80% tinha nível de básico a intermediário. Os que não possuíam fluência adquiriram durante o estágio de nivelamento em línguas e venceram os entraves.

Na segunda pergunta procurou-se saber qual a maior dificuldade enfrentada no exterior. Elencou-se três pontos: conteúdo curricular das disciplinas, domínio da língua e adaptação a uma nova cultura. Os respondentes classificaram numa escala de “sem dificuldade”, “pouca dificuldade” e “muita dificuldade”.



Gráfico 1 - Dificuldades dos alunos no CsF, IFPB, 2012-2015.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Com relação ao conteúdo curricular, 40% dos alunos informaram que não tiveram dificuldade, 40% informaram que houve pouca dificuldade e 20% tiveram muita dificuldade. O aspecto do domínio da língua foi apontado pela maioria (60%) como “pouca dificuldade”, 25% não tiveram dificuldade e 15%, muita dificuldade. Quanto à adaptação a uma nova cultura, 65% não tiveram dificuldade, 27,5% tiveram pouca dificuldade e 7,5%, muita dificuldade. Observando o gráfico, pode-se extrair que o item de maior dificuldade dos alunos foi o acompanhamento do conteúdo curricular das disciplinas e, bem próximo, o domínio da língua. Dentre os três itens, o de menor dificuldade foi a adaptação a uma nova cultura.

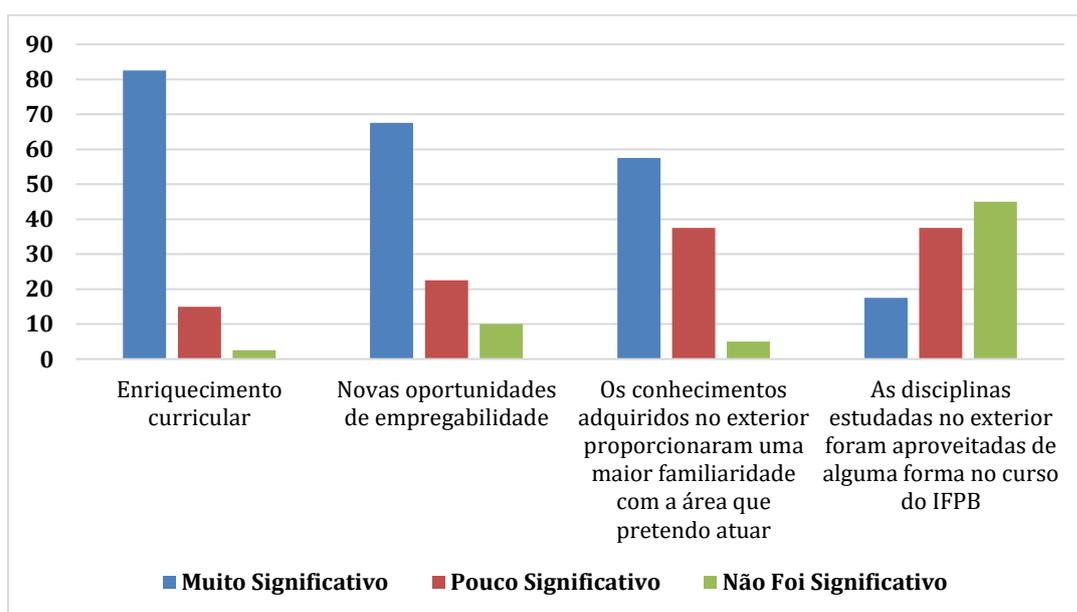
Na pergunta seguinte, foram elencados quatro pontos sobre a mudança mais significativa na vida deles após a passagem pelo Programa: enriquecimento curricular, novas oportunidades de empregabilidade, o aprendizado adquirido no exterior ter proporcionado mais familiaridade com a área que pretende atuar e as disciplinas estudadas no exterior terem sido aproveitadas no curso de origem.

Para a maioria dos alunos (82,5%), o enriquecimento curricular proporcionado pelo Programa foi muito significativo, apenas 2,5% respondeu que não foi significativo e 15% acharam pouco significativo. Já em relação ao CsF proporcionar novas oportunidades de empregabilidade, a maioria (67,5%)



considerou muito significativo, 22,5% deles consideraram pouco significativo e 10%, que não foi significativo. Quando indagados sobre se os conhecimentos adquiridos no exterior proporcionou mais familiaridade com a área de estudo, 57,5% dos alunos consideraram muito significativo, 37,5%, pouco significativo e 5% não consideraram esse aspecto significativo. Por fim, sobre as disciplinas estudadas no exterior e seu aproveitamento no curso de origem, a maioria (45%) declarou não ser significativo, enquanto 37,5% achou pouco significativo e 17,5%, muito significativo. O quadro a seguir ilustra essas respostas:

Gráfico 2 - Mudanças mais significativas vividas pelos estudantes após participar do CsF, IFPB - 2012-2015.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O estudante KG deixou claro em seu discurso que a disciplina que ele cursou no exterior não foi aproveitada em seu curso por divergir na carga horária:



Eu tentei aproveitá-la no curso, porém como deve ter sido um problema para outras pessoas nesse intercâmbio, a carga horária era menor do que a solicitada no curso de origem, então não consegui aproveitá-la, logo tive que cursá-la da maneira convencional (ESTUDANTE KG).

No entanto, ele não percebeu tal situação como um fato negativo, uma vez que sua intenção era adquirir experiência profissional, através do estágio oferecido pela universidade. “Posso dizer que o Programa contribuiu mais no estágio do que nas aulas na universidade até porque quando fui já estava com mais da metade da matriz curricular preenchida” (ESTUDANTE KG).

O estudante JA citou a contribuição acadêmica por meio do seu enriquecimento curricular como um dos maiores legados do Programa:

Enquanto estudante do curso de Matemática, eu não possuía tanto interesse, ou mesmo tanta habilidade na área quanto eu adquiri após o intercâmbio. Vi uma considerável melhora na minha escrita matemática, no meu raciocínio e modo de encarar os problemas da área, na minha mentalidade enquanto pesquisador e, principalmente, uma maior consciência para com os problemas de sala de aula (tanto como aluno, quanto como professor) (ESTUDANTE JA).

Percebe-se, então, que a oportunidade de um enriquecimento curricular através do aprendizado adquirido no exterior e do estágio, gerando maiores oportunidades de empregabilidade, se sobrepõe à possibilidade de aproveitamento das disciplinas no curso de origem. Esse fato evidencia-se quando mesmo sabendo que não poderá aproveitar determinada disciplina, o aluno opta por cursá-la, pois percebe que será importante para o desempenho da profissão. Foi o caso do estudante RF:

Meu foco era basicamente aprender o que eu não veria na faculdade, então peguei mais disciplinas que não estão na minha grade curricular, e só duas que são ofertadas na minha grade. Consegui aproveitar uma e decidi rever a outra, só pelo conteúdo mesmo. Quanto mais conhecimento, melhor (ESTUDANTE RF).



A terceira e a quarta questão são complementares e indagam se o aluno já havia feito viagem internacional antes de participar do Programa e se teria condições financeiras de arcar com as despesas de um intercâmbio particular, sem o auxílio do governo. A maioria (75%) revelou nunca ter feito viagem internacional antes e apenas 25% afirmou já ter feito. A totalidade dos respondentes afirmou que se não fosse a bolsa do governo não teria condições de realizar o intercâmbio no exterior. Levando em consideração a renda familiar declarada pelos alunos na primeira etapa do questionário (41% recebe de 2 a 4 salários mínimos e 41% recebe de 5 a 10 salários) evidencia-se que de fato não seria possível estudar no exterior sem o financiamento do governo.

Portanto, o traço socialmente inclusivo do Programa é um ponto importante a ser levado em consideração. Para o estudante AF, a inclusão e a motivação adquirida ao retornar do CsF são relevantes para o sucesso do aluno em termos de futuro profissional.

Sem dúvida o maior ponto positivo do Programa foi a inclusão do estudante que jamais teriam a chance de ter uma experiência de intercâmbio com recursos próprios. Outro ponto positivo é a capacidade motivadora que o Programa exerce sobre os estudantes trazendo de volta estudantes mais motivadas em desenvolver pesquisas no Brasil e um pensamento mais crítico quanto ao próprio país (ESTUDANTE AF).

O estudante KG faz parte desse grupo em que se não fosse a bolsa de estudos não teria realizado o intercâmbio. Ele explicita em sua fala que foi uma ação válida por parte do governo.

A ideia do Programa é extremamente válida, muitos estudantes, incluindo eu, não teriam condição financeira de realizar um intercâmbio, até pelo próprio abismo que há entre a classe mais abastada e a classe menos favorecida no país, então fornecer oportunidades como esta, de intercâmbio



para diversos países no mundo, foi uma medida que merece elogio por parte daqueles que usufruíram do Programa (ESTUDANTE KG).

A quinta pergunta foi sobre o que influenciou o aluno na escolha do país. Sabe-se que os editais já eram publicados com as vagas para determinadas universidades e a área de atuação do curso. No entanto, o aluno poderia optar por se inscrever naquele edital ou esperar um próximo em um outro país. Do total de respostas, 40% afirmou que escolheu o país por este possuir universidades de renome na área de atuação do curso. Já 30% afirmou ter optado pelo país cuja língua fosse melhor dominada, enquanto 17,5% considerou a familiaridade cultural do país de destino com a brasileira e 12,5%, por outros motivos.

Tendo em vista que a maioria dos estudantes escolheu o país devido ao mesmo ter universidades bem conceituadas, ressalta-se a importância do CsF oferecer bolsas em universidades renomadas, o que nem sempre aconteceu, levando em consideração o ranking discutido anteriormente.

Na questão seguinte perguntou-se que avaliação o aluno faria da sua participação no Programa. A maioria (87,2%) apontou como satisfatória e 12,8% disse que poderia ter contribuído mais, classificando, portanto, como insatisfatória.

À época de realização da pesquisa, a maioria dos estudantes entrevistados ainda não havia concluído o curso de origem no IFPB. Apenas 12,5%, o que corresponde a 5 estudantes, já haviam terminado seu curso.

A esta parcela de alunos que havia concluído o curso questionou-se sobre o mercado de trabalho e de que forma o Programa facilitou a conquista de um emprego. 80% dos egressos responderam que estão trabalhando na área de atuação do curso e 20% estão desempregados.

Aos que estão trabalhando indagou-se se a participação no Programa facilitou de alguma forma a entrada no mercado de trabalho e todos responderam que sim. Por fim, perguntou-se de que forma ocorreu essa entrada: 60%



responderam que os conhecimentos adquiridos no exterior foram o diferencial na conquista da vaga e 20% apontaram a vivência no exterior como fator decisivo para o emprego e os outros 20% apontaram que a fluência na língua estrangeira foi o fator que mais contribuiu para a conquista da vaga.

Mesmo para os alunos que ainda não se formaram, a contribuição do Programa se mostrou positiva não só no meio acadêmico, como na vida profissional dos mesmos.

No meu caso, o Programa ajudou consideravelmente na minha formação profissional, principalmente no quesito de aprender novas tecnologias e novas abordagens em cima do conhecimento que eu já possuía. [...] Pelo Programa tive a oportunidade de fazer estágio dentro da Universidade e ser cotado para trabalhar por lá em empresas vizinhas, além de me dar a chance de me destacar no curso e ganhar prêmios, o que aumentou minha visibilidade não só como aluno, mas também como um candidato em potencial (ESTUDANTE RF).

O aluno RF é o único discente do IFPB que recebeu o prêmio de melhor estudante na universidade a qual cursou o intercâmbio. RF ainda não havia terminado o curso, mas afirmou que já trabalhava como desenvolvedor de software em uma empresa.

O CsF também abriu portas do mercado de trabalho para o aluno KG. Nesse caso, não foi na área de atuação do seu curso, mas sim como professor de inglês.

Apesar de não ser na minha área de atuação, sempre gostei de aprender línguas, então com o Programa tive uma experiência no mundo real de conviver dentro da esfera de um novo idioma, que realmente se difere daquilo que imaginamos que é. Logo, naturalmente, me capacitei e hoje me sinto confiante em falar um novo idioma [...] (ESTUDANTE KG).

Já o estudante AA atribuiu ao Programa o fato de ter ampliado o seu networking e de ter conseguido estágio numa grande empresa:



A experiência internacional possibilita um enriquecimento curricular muito grande, além do networking. Graças ao intercâmbio pude conhecer a forma de busca de emprego, entrevistas praticadas lá fora, por exemplo [...] Se não tivesse feito o intercâmbio, não teria conseguido o estágio na Siemens (ESTUDANTE AA).

A vida longe da família, em países distantes, a rotina puxada de trabalhos diários para atender às disciplinas, durante cerca de 18 meses de intercâmbio nem sempre foi atravessada com facilidade. Em meio a turbulências desse tipo, o estudante AF foi acometido de uma forte depressão no início de sua estadia.

Isto tornou tudo mais difícil. O estresse que estávamos submetidos na avaliação da proficiência no idioma, trabalhos acadêmicos que exigiam muita energia e tempo etc. Uma dificuldade em especial passei no estágio de verão. Tínhamos que trabalhar sobre pressão e isso aguçou ainda mais o meu problema psicológico. Mas consegui terminar tudo como um estudante mediano (ESTUDANTE AF).

Como forma de minimizar estes problemas, AF defendeu que o governo deveria capacitar mais o aluno no aprendizado de idiomas e orientar melhor o estudante de modo a reduzir o choque cultural:

Um aspecto de melhora que me vem à mente seria uma preparação prévia dos estudantes no Brasil com mais capacitação em idiomas e treinamento prévio em como o estudante poderia aproveitar melhor as oportunidades no exterior. Acontece que uma grande parte dos estudantes ficam sem orientação sobre como fazer para conseguir oportunidades de desenvolvimento profissional e científico no exterior. Em alguns países, o impacto cultural é muito grande, acarretando um número considerável de desistência por problemas psicológicos. Isso é ruim para o Programa e para o governo que não teve retorno no investimento e pelo desgaste do estudante que estava despreparado para enfrentar tamanho choque cultural (ESTUDANTE AF).



Outro estudante também ressaltou o forte “choque cultural” como uma das grandes dificuldades enfrentadas, o que fez com que muitos se sentissem segregados.

Outra dificuldade encontrada foi a barreira cultural (e talvez até linguística mesmo) para interação com nativos, uma vez que estávamos matriculados nos cursos acadêmicos. Percebeu-se uma certa ‘exclusão’, ou ‘inclusão forçada’ dos estudantes internacionais, que por falta de opção, se agrupavam com outros estudantes estrangeiros (ESTUDANTE JA).

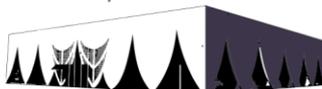
A falha ou a falta de comunicação com os intercambistas durante a estadia no exterior e a falta de acompanhamento dos participantes foram aspectos negativos ressaltados por alguns alunos e que, segundo eles, devem ser melhorados numa próxima etapa do Programa.

O mais evidente foi a questão do acompanhamento para com os estudantes, afinal, como éramos muitos, a comunicação era escassa, além de alguns erros de logística logo no fim do Programa, como por exemplo, a extensão de tempo dos alunos na universidade. Tivemos que sair dos quartos antes do prazo, por conta de um erro de comunicação (ESTUDANTE RF).

Acredito que o Programa deveria acompanhar melhor os alunos e suas atividades durante o intercâmbio e disponibilizar canais mais eficientes de comunicação (ESTUDANTE AA).

Outro aspecto destacado como negativo foi o fato de não haver uma maior fiscalização e acompanhamento dos alunos que estavam no exterior.

Creio que muitas coisas precisariam ser melhoradas, [...] como por exemplo, o controle maior de quem são e como os estudantes se portavam durante a vigência do Programa. Claro que como é intrínseco do ser humano, quiçá do brasileiro, alguns simplesmente não davam jus ao termo “de excelência” e iam para determinado país apenas para ‘turistar’. Então creio que os requisitos de exigibilidade eram bons, mas um pouco frouxos demais para delimitar aqueles que seriam realmente dignos de ser contemplados (ESTUDANTE KG).



foi com relação ao acompanhamento do conteúdo curricular das disciplinas aliado à dificuldade com o domínio do idioma. Muitos se sentiam preparados, como afirmaram em entrevista e outros, no entanto, tiveram pouco contato com a língua estrangeira antes da viagem. Outros fatores como saudade da família, adaptação a uma nova cultura também foram fatores mencionados pelo grupo.

Da análise realizada, pode-se inferir que a maior parte dos entrevistados teve um aproveitamento considerável do Programa. Barreiras como a adaptação cultural e a fluência na língua estrangeira são fatores naturais no cotidiano de um intercambista e que, aos poucos, podem ser vencidas. O aproveitamento dos créditos das disciplinas cursadas no exterior nem sempre foi possível de forma integral, mas, para muitos, isso não configura um fator tão relevante diante do aprendizado adquirido com o Programa. No tocante ao mercado de trabalho, o CsF abriu portas para os alunos, oferecendo oportunidades em sua área de formação, como também na área de línguas estrangeiras. Embora a maioria ainda não tenha se formado, tiveram oportunidade de estagiar em empresas e sonham com um futuro profissional promissor, graças ao Programa.

Para a maioria dos jovens egressos do Programa, alguns oriundos de camadas sociais menos favorecidas, o CsF deixou fortes marcas em suas trajetórias acadêmicas e profissionais, relatado por eles como experiência “fantástica”, “única”, de “autoconhecimento”, “incrível”. Para grande parte destes alunos foi a primeira viagem internacional e sem o auxílio do governo essa experiência formativa não seria possível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das respostas do questionário, identificou-se que a principal dificuldade dos alunos foi com relação ao acompanhamento do conteúdo curricular das disciplinas aliado à dificuldade com o domínio do idioma. Muitos se sentiam



preparados, como afirmaram em entrevista e outros, no entanto, tiveram pouco contato com a língua estrangeira antes do intercâmbio. Outros fatores como saudade da família e adaptação a uma nova cultura também foram mencionados pelo grupo.

Da análise realizada, pode-se inferir que a maior parte dos entrevistados teve um aproveitamento considerável da experiência vivenciada no Programa. Barreiras como a adaptação cultural e a fluência na língua estrangeira são fatores naturais no cotidiano de um intercambista e que, aos poucos, puderam ser vencidas. O aproveitamento dos créditos das disciplinas cursadas no exterior nem sempre foi possível de forma integral, mas, para muitos, isso não configurou um fator tão relevante diante do aprendizado adquirido no exterior. Todavia, entende-se que há uma necessidade futura de aperfeiçoamento das políticas internas de mobilidade acadêmica nas Instituições de Ensino Superior, para que haja uma melhor compatibilidade entre as disciplinas cursadas no exterior e as do curso de origem.

No tocante ao mercado de trabalho, o CsF abriu portas para os alunos, oferecendo oportunidades em sua área de formação, como também na área de línguas estrangeiras. Embora a maioria dos pesquisados ainda não tenha se formado, tiveram oportunidade de estagiar em empresas e sonham com um futuro profissional promissor, graças ao Programa.

Para a maioria dos jovens egressos do Programa, alguns oriundos de camadas sociais menos favorecidas, o CsF deixou fortes marcas em suas trajetórias acadêmicas e profissionais, relatado por eles como experiência “fantástica”, “única”, de “autoconhecimento”, “incrível”. Para grande parte destes estudantes foi a primeira viagem internacional e sem o auxílio do governo não seria possível acontecer toda essa trajetória.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, DF, 2011.

COSTA, S. L.; DIAS, S. M. B. A permanência no ensino superior e as estratégias institucionais de enfrentamento da evasão. **Jornal de políticas educacionais**. v. 9, n. 17 e 18, p. 51-60, jan./jun. e ago./dez. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRANJA, C. D.; CARNEIRO, A. M. O programa Ciência sem Fronteiras e a falha sistêmica no ciclo de políticas públicas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 110, p. 183-205, jan./mar. 2021.

JEZINE, E. et al. Permanecer ou evadir-se? Perfil e expectativas de alunos de cursos superiores da UFPB. **Debates em Educação**, Maceió, v. 13, Número Especial, 2021.

LUCE, M. B. et al. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 317-339, jul. 2016.

MAUÉS, O. C.; BASTOS, R. S. Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 333-342, set./dez. 2017.

NEVES, C. E. B.; BARBOSA, M. L. O. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 22, n. 54, p. 144-175, mai./ago. 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, M.; MATTOS, F. F. Ciência sem fronteiras: experiências discentes na odontologia. **Revista Docência Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 200-218, jul./dez. 2017.

PORTAL BRASIL. **Ciência sem Fronteiras terá foco no Ensino Médio**.

Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/programa-ciencia-sem-fronteiras-tera-novo-foco-com-objetivo-de-beneficiar-alunos-mais-pobres> . Acesso em 05 nov. 2016.



ROSA, C. M. Limites da democratização da educação superior: entraves na permanência e a evasão na universidade federal de goiás. **Póiesis Pedagógica**, Catalão-GO, v.12, n.1, p. 240-257, jan./jun. 2014.

SALDANHA, C. C. T. et al. Programa ciência sem fronteiras: um retrospecto da política de estímulo à ciência, tecnologia e inovação. **Revista de Políticas Públicas**, vol. 23, núm. 2, p. 675-694, 2019.

Recebido em: 30/11/2021

Aceito em: 08/08/2022

